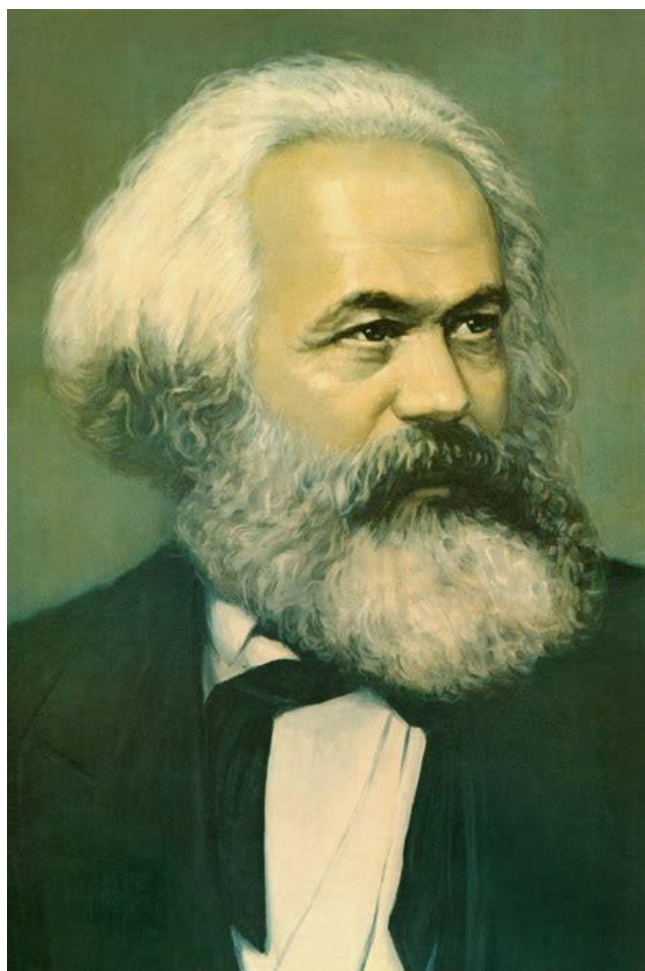


Sem que Haja uma Certa Degradação da Forma Social Dominante, “Muito Difícil é Falar de Transformação”



*Pedro de Alcântara Figueira*¹

Entrevista sobre a **Obra de Karl Heinrich Marx**, e a importância desse autor para o *pensamento econômico*.



Gilberto Luiz Alves
INSTITUTO CULTURAL

<https://icgilbertoluizalves.com.br>

¹ Professor aposentado da Universidade Federal de São Carlos- UFSCar. Doutor em Educação, historiador, filósofo e pesquisador do ISEB - Instituto Superior de Estudos Brasileiros. Foi um dos participantes na produção de compêndios da *História Nova* [década 1960].

“I Entrevista sobre MARX²”

“Marx criticava duramente aqueles que pensavam que boas ideias poderiam levar os homens a percorrer um caminho justo e, assim, chegar à igualdade.

Para ele, **os homens não são o que pensam que são, mas sim aquilo que eles produzem**”

Conforme análise do Historiador e filósofo
Pedro de Alcântara Figueira (Concedida em 23-04-2010)

IHU On-Line – O que é mais importante destacar na obra e no pensamento de Karl Marx?

Pedro de Alcântara Figueira: O seu propósito de mostrar que a sociedade capitalista, como as formas sociais que a precederam, não era eterna, como queriam sobretudo os economistas políticos. Por essa razão, a sua obra máxima, **O Capital**, intitula-se *crítica da Economia Política*, ou seja, Marx quer mostrar, com o termo “crítica”, que se encerrara a fase histórica em que a burguesia podia ser considerada uma classe revolucionária. Devemos atentar para esse fato, pois Marx entendia que a crítica social só tinha cabimento quando se tornava possível a participação consciente no processo de transformação.

Por essa razão histórica, Marx entendia que sua proposição de subversão não era uma boa ideia ou uma ideia correta por partir de uma motivação de liberação dos oprimidos. Podemos até dizer que este jamais foi seu propósito. Marx é contra a opressão do trabalhador e contra a pobreza porque julga que elas se tornaram um entrave ao desenvolvimento da sociedade.

² **Karl Heinrich Marx** (1818-1883): filósofo, cientista social, economista, historiador e revolucionário alemão, um dos pensadores que exerceram maior influência sobre o pensamento social e sobre os destinos da humanidade no século XX.

IHU On-Line – Qual a principal contribuição de Marx para o pensamento econômico clássico, principalmente da obra *O Capital*?

Pedro de Alcântara Figueira: Como acabei de explicar, a obra máxima de Marx pretende ser a superação histórica do pensamento econômico clássico. Rigorosamente falando, Marx não é nem economista, nem filósofo, nem historiador, nem poderia ser classificado dentro de qualquer das ciências humanas. Ele próprio, num escrito publicado postumamente, e denominado *Ideologia Alemã*, afirma categoricamente que só existe uma ciência, a ciência da história. Por esta frase, poderíamos classificá-lo como historiador. Tarefa ingrata, pois, ao contrário dos historiadores, sua obra não se parece nada com aquilo que fazem os da profissão. Ele se dizia historiador ao modo como Balzac também se dizia. Ele fez aquela afirmação a respeito da única ciência por entender que a natureza social do homem está em permanente transformação. Neste sentido poderíamos classificá-lo como historiador. Neste particular ele se aproxima de Voltaire que dizia que a única coisa permanente entre os homens é a transformação.

IHU On-Line – Em que sentido Marx pode ser apontado ainda como um pensador atual para a economia?

Pedro de Alcântara Figueira: Penso que devemos, sempre, ter muito cuidado quando falamos da atualidade do pensamento de quem quer que seja. Marx, como qualquer pensador digno deste nome, tem que ser considerado à luz do momento histórico em que viveu, escreveu e atuou politicamente. Muito recentemente, em artigo publicado em *Carta Capital*, Delfim Netto afirmou que “somos todos marxistas”. Deveríamos pensar no alcance dessa afirmação do todo poderoso ex-ministro. Pessoalmente considero que ela tem um sentido profundo. Um pensador, como Marx, que analisou a sociedade capitalista do ponto de vista de sua transformação, de sua superação, pode até mesmo ser mais atual do que qualquer um que a veja como uma forma social apenas sujeita a correções, melhorias, mas como a forma natural de os homens viverem em sociedade. Marx é atual por esta razão, porque considera que nada do que humano é eterno e, ainda mais, porque a experiência mostra que toda sociedade se desenvolve até o ponto em que cria as condições para uma transformação radical.

IHU On-Line – O que podemos entender pela (anti) filosofia de Karl Marx?

Pedro de Alcântara Figueira: Já afirmei acima que Marx não pode ser classificado como filósofo. Isto não quer dizer que sua obra não possa ser lida com o mesmo prazer que lemos Aristóteles, Descartes e muitos outros. Não devemos, no entanto, confundir esta afirmação com aquilo que se faz, com o nome de filosofia, nas academias. Em suas obras, Marx se manifestou mais de uma vez contra a filosofia que fazem os filósofos de profissão. Fez isto porque entendia, ao contrário dos filósofos, que as ideias são um produto social somente compreensível a partir do entendimento da sociedade que as produziu. Ao contrário dos filósofos, que pensam que uma ideia puxa outra, Marx entendia que as ideias são a maneira pela qual as lutas sociais aparecem na cabeça dos homens.

IHU On-Line – Por que é impossível conciliar marxismo e nacionalismo?

Pedro de Alcântara Figueira: Questão controversa. Diria que nenhum movimento político e social seria estranho à análise histórica de Marx. Considerando a pureza, se assim podemos dizer, do pensamento de Marx, a sua concepção considera o nacionalismo uma luta retrógrada contra o capitalismo. Marx considerava que era necessário que a terra fosse tomada completamente pelas relações burguesas para que a transformação social tivesse um caráter radical. Neste sentido, seu pensamento se aproxima muito mais da globalização do que de qualquer reação contra a expansão capitalista. Não podemos esquecer, no entanto, que esta visão de Marx está fundada naquilo que foi o capitalismo quando ele escreveu a sua obra. Aquilo que atualmente poderíamos classificar de nacionalismo não tem mais as implicações retrógradas que podiam ter na sua época. Creio que não se trata de conciliar marxismo e nacionalismo, mas considerar que a história não fica nunca no mesmo lugar.

IHU On-Line – Qual a contribuição do marxismo para a esquerda política, principalmente pensando no cenário político brasileiro atual?

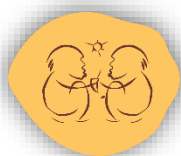
Pedro de Alcântara Figueira: *Pensaria muito mais em presença do marxismo, quando Marx fala em “uma época de revolução social”, do que em contribuição. No que se refere a*

falar de marxismo e esquerda, talvez fosse o caso de pensar numa expressão muito significativa de Descartes: “a lei que nos obriga”. Ou seja, pensar muito mais num processo de transformação de que fazemos parte, que nos obriga a nos unir se não quisermos que a história desande. Toda transformação histórica profunda é limítrofe da barbárie.

“Aliás, sem que haja uma certa degradação da forma social dominante, muito difícil é falar de transformação. Este momento é chegado.”

IHU On-Line – Quais as principais influências filosóficas que Marx sofreu e como elas aparecem na sua obra?

Pedro de Alcântara Figueira: Não se trata de dedução a partir dos fundamentos do pensamento de Marx. A presença de Aristóteles na obra de Marx é o que há de mais marcante e significativo. Prefiro, evidentemente, não falar em “influências”, até porque acho que ninguém influencia ninguém. Um pensador tem que ser entendido a partir da sociedade em que ele vive, pelo momento histórico e pelas lutas políticas que o solicitam a pensar em como elas devem ser encaminhadas. Neste sentido são presenças fortes na concepção de Marx, Aristóteles, os gregos em geral, Descartes, Diderot, Voltaire e, sobretudo, os economistas políticos.



Gilberto Luiz Alves
INSTITUTO CULTURAL

<https://icgilbertoluizalves.com.br>